

ASPECTOS DA HISTÓRIA E DO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA NO BRASIL

Kesley Mariano da Silva¹

Compreender como uma língua se forma e os mecanismos que a torna diferente das demais, mostra o quão rico pode ser o ato comunicativo. Os símbolos, códigos, palavras, signos e seus multissignificados sofrem influências o tempo todo, seja pelo contato de uma pessoa com outra em um mesmo país ou fora dele (BAGNO, 2015; MATTOS E SILVA, 2004). A globalização acelerou esse processo e tornou algo que já é dinâmico em algo ainda mais acelerado. A língua tem sofrido alterações de forma bastante célere e acompanhar e conduzir esses processos para a sala de aula é um desafio constante (SCHERRE; NARO, 2007; FARACO, 2016). Por meio de uma pesquisa, nesse caso, qualitativa e bibliográfica, com base epistemológica à luz do varioacionismo, alguns estudiosos descrevem como a língua é capaz de modificar-se no tempo e formar pessoas críticas ou alienadas, dependendo do ponto de vista e das experiências que cada um possui. Um ensino de qualidade da área da língua portuguesa exige um empenho maior do que apenas sistêmico ou institucional, buscase um trabalho individualizado dos professores dessas áreas a fim de permitirem os alunos a lerem, pensarem, falarem e escreverem de forma mais crítica (FARACO, 2016).

INTRODUÇÃO

O presente ensaio tem por objetivos apresentar algumas descrições sobre as origens da Língua Portuguesa, considerando suas diferentes fases históricas de desenvolvimento, a formação de sua expressão verbal, a organização da gramática portuguesa, bem como discutir a importância dos conhecimentos dessa língua para a realização de uma eficiente e crítica leitura de textos.

Nesse sentido, cabe salientar que para melhor compreensão de cada um dos pontos elencados acima, será realizada uma pesquisa qualitativa, promovendo a análise das ideias mais relevantes dos principais teóricos que discutem o tema proposto.

É importante inicialmente compreender que a divisão histórica da Língua Portuguesa, que é o objeto de estudo desse trabalho, é assim feita apenas como ferramenta didática, uma vez que se entende que a língua é um produto cultural e, portanto, está em constante construção e desenvolvimento. Assim, não serão

¹ Graduação em Letras (UEG – 2007); Graduação em Direito (FMB - 2009) Especialização em Docência do Ensino Superior (FINOM – 2012); Mestrado em Educação (UNESA – 2016) Doutorado em Educação (UDS – 2020). E-mail: kesleymariano@hotmail.com

atribuídos juízos de valor aos diferentes momentos da língua em diferentes contextos. Isso porque, do ponto de vista histórico, estas várias etapas contribuíram, em forma de processo, para a formação das estruturas e usos dessa língua nos dias de hoje.

Essa separação em fases, portanto, é percebida como importante para a compreensão, em perspectiva, das transformações da Língua Portuguesa ao longo do tempo. Contudo, para que fique claro, compreende-se que qualquer tentativa de periodização histórica, é problemática e arbitrária.

1. AS DIFERENTES FASES DE DESENVOLVIMENTOS DA LÍNGUA PORTUGUESA

É sabido que as mudanças ocorrem na história sempre de forma lenta e gradual, e que a língua e sua mudança estão relacionadas ao processo de transformação sociocultural de um povo, pois é fruto das relações culturais humanas que a influencia. Dessa forma, torna-se difícil estabelecer uma data específica para que a mudança se apresente por completo (MATOS E SILVA, 1991).

Por esta perspectiva, compreende-se que as transformações se iniciam muito antes e terminam muito depois dos períodos delimitados. A escolha de certas datas, certos objetos ou certos textos, ocorre a partir de algum elemento exemplar, no caso da língua, a partir da observação de um exemplo, um registro, um texto, em que a mudança esteja expressa de forma evidente. Em outras palavras, como ciência, é preciso que exista um fato concreto para a identificação de quaisquer alterações, em se tratando de uma língua é preciso que esteja expressa em sua forma verbal e formal para que se possa, comparativamente, afirmar que ocorreram mudanças. Assim, a periodização não é absoluta, ela depende do enfoque de cada autor, e por essa razão, compreende várias possibilidades.

Mesmo assim, de forma curiosa, a Língua Portuguesa possui a mesma fonte geradora da maioria das línguas europeias e asiáticas. Isso ocorreu, devido, as inúmeras migrações entre os continentes. Assim, a língua inicial existente acabou subdividida em cinco ramos, a saber: o helênico (de onde veio o grego); o românico (originário do português, italiano, francês e dentre outras línguas latinas); o germânico (originou o inglês e o alemão); e, por fim, o céltico (dando origem aos idiomas irlandês

e gaélico). E quanto ao ramo eslavo, que é o quinto, deu origem a outras diversas línguas atualmente faladas na Europa Oriental (TREYSSIER, 2007).

No antigo Império Romano, o Latim era a língua oficial e possuía duas formas de uso: o latim clássico, considerado como aquele utilizado pelas pessoas da classe dominante, sendo, portanto, o mais culto; e o latim vulgar, que era a língua utilizada pela grande massa popular. A Língua Portuguesa originou-se do latim vulgar, que foi introduzido na península Ibérica pelos conquistadores de Roma. Dá-se o nome de neolatinas às línguas modernas que provêm do latim vulgar. Em se tratando da Península Ibérica, pode-se mencionar o catalão, o castelhano e o galego-português, do qual resultou o Português. (CUESTA, 1980)

Como a Península Ibérica era controlada politicamente e culturalmente pelos romanos, estes impuseram sua língua e houve ali uma mistura dos substratos linguísticos lá existentes. Isso fez com que surgissem vários dialetos, que de forma genérica foram chamados de romanços (do latim romanice, que significa “falar à maneira dos romanos”) (ILARI, 2018).

Uma língua não se constrói de forma célere, mas por meio do uso dos falantes. Desta mesma forma, com o passar do tempo, os dialetos supramencionados foram se modificando até constituírem novas línguas. A partir do momento em que os germânicos, e posteriormente os árabes, invadiram a Península, a língua sofreu novas modificações, porém o idioma falado pelos invasores nunca conseguiu se estabelecer totalmente. “É na segunda metade do século XIII que se estabelecem certas tradições gráficas.” (TEYSSIER, p. 22)

Apenas quando os cristãos expulsaram os árabes da península (século XI), o galego-português passou a ser falado e escrito na Lusitânia, onde também nasceram dialetos originados pelo contato do árabe com o latim. Proveniente do romanço, o galego-português era um falar limitado geograficamente a toda a faixa ocidental da Península, correspondendo aos atuais territórios da Galiza e de Portugal. As diferenças entre o galego e o português apenas começaram a se acentuar em meados do século XIV, quando se evidenciaram os falares do sul, notadamente da região de Lisboa (CUESTA, 1980). Somente após a consolidação de autonomia política, seguida da dilatação do império luso houve a consagração do português como língua oficial da nação. Por outro lado, o galego se estabeleceu como uma língua variante do espanhol, que ainda é falada na Galícia, situada na região norte da Espanha.

A partir disso, as grandes navegações tiveram um grande papel, a partir do século XV d.C. Assim, os domínios de Portugal foram ampliados para além do continente europeu, alcançando a África e a América.

Para finalidades didáticas, pode-se dividir o desenvolvimento da Língua Portuguesa em três fases ou períodos (MATOS E SILVA, 1991): Fase Proto-histórica; Fase do Português Arcaico; Fase do Português Moderno.

Cabe ainda ressaltar que todas as mudanças ocorridas em cada uma dessas fases, tiveram suas alterações considerando-se os aspectos formais da língua, uma vez que esta só é considerada língua por possuir um código e signos que representam o pensamento de uma nação na forma falada ou escrita, ou seja, seu aspecto verbal.

2. A IMPORTÂNCIA DA GRAMÁTICA NO DESENVOLVIMENTO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Para tratar da Gramática da Língua Portuguesa, é importante mencionar como e para que finalidade as gramáticas, de modo geral, foram desenvolvidas. Nesse sentido, a primeira gramática de que se tem registro histórico é a de Pānini para o sânscrito.

Entretanto, reconhece-se o estudo formal da gramática apenas com a sociedade grega, a partir de um ponto de vista filosófico – a propósito, algo bastante característico dos gregos por apreciarem os questionamentos ao conhecimento à natureza –, descobrindo, assim, através desses procedimentos, a estrutura da língua. Platão, por exemplo compreendia a linguagem como um instrumento de tradução do pensamento (SANTOS, 2009), por meio da linguagem era possível as investigações entre o pensar e o ser.

Sem seguida, com a ascensão do Império Romano, em sua dominação aos demais povos, os romanos carregaram consigo essa tradição grega, e traduziram do latim os nomes das partes da oração e dos acidentes gramaticais. Várias dessas denominações são utilizadas ainda nos dias atuais. Ainda por esse viés, a gramática comparativa, com enfoque dominante em linguística, apenas surgiu no século XIX.

Para Bagno

Quando o estudo da gramática surgiu, no entanto, na antiguidade clássica, seu objetivo declarado era investigar as regras da língua escrita para poder

preservar as formas consideradas mais “corretas” e “elegantes” da língua literária. Alias a palavra gramática, em grego, significa exatamente “a arte de escrever”. (BAGNO, 2015, p. 56)

Há registros de Dionísio, o Trácio, gramático grego, que escreveu a "Arte da Gramática", obra basilar para as gramáticas grega, latina e de outras línguas europeias até o período do Renascimento.

As comparações entre as línguas europeias e asiáticas se iniciaram no século XVIII, cujo trabalho levou Gottfried Wilhelm Leibniz a afirmar que a "maioria das línguas provinha de uma única língua, a indo-europeia" (FARACO, 2016).

Em se tratar de língua, linguagem a partir do estruturalismo semântico, cabe mencionar o que Saussure descreve: "a língua é o sistema que sustenta qualquer idioma concreto" (SANTOS, 2009). Ou seja, o que falam e entendem os membros de qualquer comunidade linguística, será língua, pois participam da gramática, um conjunto de normas estabelecidas e convencionadas socialmente para padronização e organização de um idioma.

Já em meados do século XX, Chomsky (2009), deu origem à teoria da "gramática universal", que se baseia em princípios comuns a todas as línguas. Mais uma vez referindo-se à significação das palavras e imagens, também nos séculos XIX e XX, foram estabelecidos os fundamentos científicos da Semiótica, como "sistema de signos", a unir várias ou todas as áreas do conhecimento.

Enfim, a primeira gramática de Língua Portuguesa foi a “Grammatica da lingoagem portuguesa”, cujo autor foi Fernão de Oliveira, e foi publicada em Lisboa, em 1536.

3. O ENSINO DA GRAMÁTICA: DECODIFICAÇÃO DE REGRAS OU FORMAÇÃO CRÍTICA?

Em contraposição ao que Freire (1989) considera valioso para o ensino, a regra, a letra e a ciência são trabalhadas como imposição necessária e obrigatória nas salas de aula. Para Halliday (1974), os fundamentos filosóficos-epistemológicos da linguagem estão presentes nos tipos de ensino da língua realizados nos ambientes escolares e podem ser: prescritivo, descritivo e produtivo.

Isso contraria o pensamento de Freire (1981), tendo em vista que para ele, de forma a parafraseá-lo, “o conhecimento de mundo precede o conhecimento da

palavra”. Assim, a gramática está sendo ensinada desde a alfabetização como principal instrumento educativo para aprendizagem de língua, desconsiderando os fatores de uso real da língua no cotidiano dos alunos. Para Silva (2002) a gramática significa “a arte de ler e escrever”, seguindo por essa lógica seriam esses os objetivos desse ensino formal prescritivo, ou seja, ensinar aos alunos a leitura e a escrita, mas não, de fato, o uso autônomo da língua e suas potencialidades.

Por este viés, a realidade escolar do Brasil tem se mostrado deficitária² (INEP/MEC, 2018), tendo em vista o evidente fracasso escolar dos alunos, principalmente no que concerne à grande parte da população que apresenta dificuldades para ler e escrever adequadamente.

Este ensino gramatical, chamado de normativista, assume caráter “tradicional”, como já descrito acima. Contudo é preciso tomar cuidado com esta terminologia, uma vez que aquilo que é “tradicional” hoje já pode ser sido inovador no passado (DEMO, 2018). Neste contexto, a Língua Portuguesa ganha visibilidade como sendo um sistema fechado, no qual mudanças não são “permitidas”. Há uma fragmentação no ensino e as aulas de gramática não se relacionam com as aulas de leitura e produção textual, nem da disciplina de Língua Portuguesa e menos ainda com outras disciplinas do currículo escolar (FARACO, 2016). A metodologia utilizada tem caráter transmissivo e dedutivo, ou seja, os conteúdos são apenas repassados, de maneira a transmitir aos alunos.

Acerca do método tradicional do ensino de gramática, Bagno afirma que

Esse ensino [...] em vez de incentivar o uso das habilidades linguísticas do indivíduo, deixando-o expressar-se livremente para somente depois corrigir sua fala ou sua escrita, age exatamente ao contrário: interrompe o fluxo natural da expressão e da comunicação com a atitude corretiva (e muitas vezes punitiva) cuja consequência inevitável é a criação de um sistema de incapacidade, de incompetência. (BAGNO, 2015, p. 107-108)

Entende-se que tais atividades privilegiam as habilidades linguísticas que consideram a língua apenas um objeto de estudo, mas não enquanto prática social. Infelizmente é essa última característica que faz com que as análises e a compreensão do conteúdo aconteçam. Relacionar os conteúdos ao cotidiano dos

² INEP/MEC. **Saeb 2017 revela que apenas 1,6% dos estudantes brasileiros do Ensino Médio demonstraram níveis de aprendizagem considerados adequados em Língua Portuguesa.** Publicado em: 30 ago. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/311tym7>. Acesso em: 20 nov. 2019.

alunos torna a aprendizagem mais interessante e efetiva, afinal, os aprendizes passam a ver-se pertencentes ao processo de ensino, o que pode estimular uma aprendizagem mais personalizada e segura, por basear-se em situações do dia a dia. O ensino fica mais concreto e o estudante tende a valorizar a si mesmo dentro do processo de aprendizagem.

Se os próprios gêneros discursivos deixam de ser considerados na prática docente em sala de aula, trabalhando-se apenas com a norma culta, desconsiderando o funcionamento e a interação verbal de tais discursos construídos pelos sujeitos, as possibilidades de ampliação de conhecimentos e da visão de mundo é baixa (MARCUSCHI, 2008). O que, de fato, ocorrerá será apenas a repetição de conceitos já estabelecidos e a mera memorização/reprodução desses processos linguísticos.

A produção textual merece ser incentivada. A leitura é o caminho para o incentivo e a formação crítica e reflexiva do aprendiz (FREIRE, 1997; MARCUSCHI, 2008). Contudo, é preciso trabalhar obras contextualizadas, completas e aporte histórico que dê sentido aos aprendizes sobre a relevância de se aprender sobre os dados culturais básicos. Uma boa forma de aprender a língua é praticá-la, não apenas ouvindo ou falando, mas também desenvolvendo seus aspectos formais por meio da leitura e da escrita.

Corroborando com isso, Antunes considera que

O diálogo, a conversa, a escuta de historinhas, os relatos, as justificativas é que devem preencher as situações orientadas para o desenvolvimento específico da linguagem. Além disso, a leitura de bons textos, cheios de interesses, de graça ou poesia e de encantamento é o melhor caminho para levar a criança a descobrir um sentido para a linguagem, para a escrita e os meios em que ela circula (livros, jornais, revistas, faixas, cartazes, meios eletrônicos etc. (ANTUNES, 2007, p. 80)

Dentro de cada uma dessas oportunidades geradas em sala, serão acrescentados cada vez maior quantidade de conceitos linguísticos, que não serão enfadonhos, mas prazerosos e convidativos à aprendizagem.

A importância do ensino de gramática não está vinculado ao seu desenvolvimento a partir de outros conteúdos e componentes curriculares, mas sim, na forma como pode construir e organizar o pensamento crítico de forma lógica, coerente e, portanto, eficiente. Pensar, falar, exprimir o pensamento de diversas formas, são atributos do ser humano, contudo, quando se fala em escolarização e formalismo na aprendizagem, é preciso que as estruturas mínimas da língua sejam

conhecidas, para que os padrões não sejam deixado de lado em contextos que exijam formalismo.

Segundo Wittgenstein (*apud* Rubem Alves, 1999) “os limites da minha linguagem denotam os limites do meu mundo”. O que significa dizer que a educação formal da língua tem a finalidade de expandir horizontes e ampliar as possibilidades do usuário da língua não apenas ouvir ou falar, mas poder escolher fazer novos usos com o principal instrumento de sua comunicação. A possibilidade de adequar-se linguisticamente aos diversos ambientes de convivência é uma das contribuições do ensino/aprendizagem das línguas (BAGNO, 2015; ANTUNES, 2007). Entender que o professor, em sala de aula, não precisa ensinar os nacionais a falarem sua própria língua, mas dar a eles instrumentos que os assegure autonomia e escolha diante dos desafios da vida no ato comunicativo (FREIRE, 1989; SOLÉ, 1998).

Considerando o que diz Perine

Ninguém, que eu saiba, conseguiu até hoje levar um aluno fraco em leitura ou redação a melhorar sensivelmente seu desempenho apenas por meio de instrução gramatical. Muito pelo contrário, toda a experiência parece mostrar que entre os pré-requisitos para o estudo da gramática estão, primeiro, habilidade de leitura fluente e, depois um domínio razoável da língua padrão [...] Assim, para estudar gramática com proveito, é preciso saber ler bem – o que exclui a possibilidade de se utilizar a gramática como um dos caminhos para a leitura. (PERINE, 2006, p. 27-28)

O aspecto do uso da língua em ambientes informais, como em casa com a família, não carece, de fato, e de um conjunto de normas gramaticais para expressão do pensamento e o estabelecimento de uma comunicação ativa. A comunicação é o objetivo primeiro do uso da língua. Porém, quando se trata do papel da escola e dos graus de formalidade que este ensino necessitam, as regras da gramática são imprescindíveis para tornar a expressão da língua uma só através de uma linguagem verbal padronizada no meio acadêmico, científico ou crítico. E não basta apenas dominar uma sequência lógica de palavras, mas saber articular o pensamento e os sentidos que essas palavras podem trazer em cada contexto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma língua viva está em constante mudança e adequação às novas influências e realidades trazidas por diferentes contatos e culturas através das pessoas em todo

mundo. A globalização e a internet facilitaram e aceleraram muito desses aspectos de acesso a outros povos e seus costumes, tornando ainda mais ampla a gama de informações trocadas e influências gerando novas possibilidades comunicativas. Contudo, todas essas novas possibilidades comunicativas, fruto das alterações na língua e das novas formas de se comunicar, precisam ser direcionadas e envolvidas em um processo crítico de formação humana.

A realidade do ensino de língua portuguesa no Brasil mostra as contrariedades existentes no sistema educacional, em que a teoria defende e incentiva uma postura crítica do educando frente aos conteúdos e metodologias, mas na realidade, em sala de aula, seu posicionamento é praticamente o contrário. Há um abismo entre a teoria e a prática, o que resulta no fracasso educacional.

Cabe aos educadores começarem a mudar essa realidade. Apesar de não ver o que a teoria em forma prática, mas buscar um ensino de qualidade com a formação de pessoas críticas a partir de conhecimentos que já trazem consigo e as orientações científicas que o docente levará para a sala de aula. Assim, não será apenas algo pregável, mas praticável, pois apesar das dificuldades e diferenças que existem nas escolas às vezes falta a falta de vontade de mudar, de fazer diferente, de proporcionar aos alunos uma educação de qualidade que possibilite e eles fazer a diferença na sociedade e não apenas se adequar a ela o tempo todo.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. O que é científico? **Psychiatry** On-line Brazil. Publicado em: 4 jan. 1999. Disponível em: http://www.polbr.med.br/arquivo/arquivo_99.htm. Acesso em: 10 abr. 2006.

ANTUNES, Irandé Costa. **Muito além da gramática: Por um ensino sem pedras no caminho**. Belo Horizonte: Ed. Parábola, 2007.

BAGNO, M. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz?** 56. ed. São Paulo: Parábola, 2015.

CUESTA, P. V.; LUZ, M. A. M. da. Períodos na Evolução da Língua Portuguesa. In. _____: **Gramática da língua portuguesa**. São Paulo/Lisboa: Martins Fontes/Edições 70, 1980. p. 172-210.

- DEMO, Pedro. **Atividades de aprendizagem**: sair da mania do ensino para comprometer-se com a aprendizagem do estudante. Campo Grande, MS: Secretaria de Estado de Educação do Mato Grosso do Sul – SED/MS, 2018.
- FARACO, C. A. **História sociopolítica da língua portuguesa**. São Paulo: Parábola, 2016.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- ILARI, R. **Linguística Românica**. São Paulo: Contexto, 2018.
- INEP/MEC. **Saeb 2017 revela que apenas 1,6% dos estudantes brasileiros do Ensino Médio demonstraram níveis de aprendizagem considerados adequados em Língua Portuguesa**. Publicado em: 30 ago. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/311tym7>. Acesso em: 20 nov. 2019.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção Textual Análise de Gêneros e Compreensão**. São Paulo, SP: Parábola, 2008.
- MATTOS E SILVA, R. V. **O português arcaico – fonologia**. São Paulo/ Bahia: Contexto/ Editora Universidade Federal da Bahia, 1991.
- PERINI, Mário. **A Gramática descritiva do Português**. São Paulo: Ática, 2006.
- SANTOS, Veraluce L. dos. **Ensino de Língua Portuguesa**. Curitiba: IESDE BRASIL, S. A., 2009.
- SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. **Origens do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2007.
- TEYSSIER, P. **História da língua portuguesa**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.